



Daniel Damasceno

## ESTUDANTE DENUNCIA TROTE NA ESALQ

Estudante do quarto ano da Faculdade de Engenharia Agrônômica, Felipe José Dommarco Yarid faz graves denúncias quanto à incidência de trotes agressivos nas dependências da Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' (Esalq).

De família com raízes na zona rural, ele optou por estudar a ciência que mais lhe serve no dia a dia, que define o trato da produção agrícola do sítio que já foi de seu bisavô. Mas não imaginava que os maiores problemas durante a vida

estudantil fosse as "brincadeiras" agressivas de estudantes veteranos em relação aos calouros. "Desde quando cheguei na universidade, em 2007, me neguei a participar dos trotes e, desde então, sou perseguido", diz. **A4**

## VIOLÊNCIA

# Estudante denuncia trote agressivo na Esalq

Felipe Yarid se diz perseguido pela "turma que gosta disso". Na Comissão de Graduação, professor se defende: "Refutamos esta prática em nossa comunidade"

Daniel Damasceno

**Erich Vallim Vicente**  
 erich@tribunatp.com.br

Estudante do quarto ano da Faculdade de Engenharia Agrônômica, Felipe José Dommarco Yarid faz graves denúncias quanto à incidência de trotes agressivos nas dependências da Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' (Esalq). De família com raízes na zona rural, ele optou por estudar a ciência que mais lhe serve no dia-a-dia, que define o trato da produção agrícola do sítio que já foi de seu bisavô. Mas não imaginava que os maiores problemas durante a vida estudantil fosse as "brincadeiras" agressivas de estudantes veteranos em relação aos calouros.

"Desde quando cheguei na universidade, em 2007, me neguei a participar dos trotes e, desde então, sou perseguido pela turma que gosta desta prática", diz. Ele mostra marcas nas mãos e no pescoço produzidas por veneno jogado enquanto estava na sala de aula. Ele relata que estas marcas ficaram em "carne viva" quando ele foi atingido. "É um produto sistêmico, que não sei qual a real procedência, mas que pode causar doenças como a leucemia", esclarece. Mas a sua maior dor não é física, e sim psicológica. "É um verdadeiro inferno ter de agüentar tudo isso", diz.

Felipe não apresenta nomes de colegas, mas ele se justifica apontando que há "um grupo

que mantém o trote como prática comum na comunidade acadêmica. "Há uma cooptação em relação aos novos estudantes, para que estes não denunciem e façam parte deste ciclo agressivo", aponta. Como sempre trabalhou na roça – cavalga desde os cinco anos –, Felipe tem visão diferente de boa parte dos colegas de faculdade. "Eles acham que eu acho graça nisso que eles fazem, mas não acho, para mim, isso é coisa de psicótico, quem não tem o que fazer", desabafa o estudante. "Quero terminar a faculdade sem ser perseguido e não quero mais ver quem não gosta, ou não queira, ser humilhado desta forma absurda", disse.

Na Comissão de Graduação, o professor Quirino Augusto de Camargo Carmello destaca que a Esalq mantém política de proibir o trote dentro de suas dependências. "Todos os casos que nos chegam são apurados dentro de um procedimento padrão", diz. Ele lembra que o caso de Felipe Yarid só chegou até ele por conta de uma briga na porta da sala de aula. "Existe um processo, onde o Felipe é acusado de agressão", relata. O fato é confirmado pelo estudante, que se defende dizendo "que foi a gota d'água e realmente parti para agressão, já que não havia outra saída", relata.

"Acontece que quando há esses procedimentos, sempre



Felipe Yarid lembra que desde quando não aceitou trote passou a ser perseguido na faculdade

há muito mais vozes favoráveis a quem fez o trote do que contrárias", disse Quirino, apontando que a comissão que preside "não é polícia", por isso não pode ir a fundo nos questiona-

mentos dos estudantes. "Refutamos totalmente qualquer tipo de trote e fazemos o máximo, dentro das nossas possibilidades, para combater esta prática em nossa comunidade".